

PROJETO “ÁFRICA NA GENTE” E A LITERATURA INFANTIL COMO PONTE PARA PROCESSO DE IDENTIFICAÇÃO AFRO- BRASILEIRA

Juliana Goldfarb de Oliveira (UFPB)

INTRODUÇÃO

Segundo Ana Maria Machado (2001, p. 77), "ler ficção é um ato político, porque, assim, como a poesia, também os romances e contos (e mais os filmes, as peças, as novelas) nos obrigam a entrar na pele de um outro e entender seus motivos, nos acostumando a uma aceitação intrínseca da diversidade". A leitura tem a possibilidade de proporcionar ao leitor uma percepção crítica da realidade, e é durante a infância que essas descobertas podem contribuir inteiramente para que esse novo leitor se constitua como sujeito.

Pensando assim, se faz necessário apresentar à criança livros (trans)formadores, que possam desenvolver sua forma de ler o mundo, e que ampliar seus valores éticos e estéticos. Desse modo, o estudo da literatura infantil com temática africana e afro-brasileira pode também desconstruir ideias arraigadas na nossa cultura.

Esse trabalho tem como objetivo relatar as experiências obtidas no projeto “África na Gente”, durante o mês de agosto, durante a oficina de Arte da Palavra, realizada no Centro Cultura Piollin.

Com esse projeto, tivemos como principal objetivo apresentar diversas formas da cultura africana, e sua influência no Brasil; discutir [pre]conceitos apresentados na nossa sociedade sobre a cultura africana e, por fim, pensar sobre a afirmação da identidade afro-brasileira dos educandos, e suas repercussões no bairro do Roger, onde se localiza o Piollin.

O trabalho será dividido em dois momentos: a primeira parte do trabalho será dedicada à apresentação do Centro Cultural e a segunda terá como foco o relato de como o projeto foi desenvolvido na oficina de Arte da Palavra.

1. O Piollin

O Centro Cultural Piollin é uma Organização Não Governamental, que desenvolve ações educativas para crianças, adolescentes e jovens, no município de João Pessoa, Paraíba. Voltada para o desenvolvimento de ações pedagógicas no âmbito da arte e da cultura, é um espaço que proporciona oficinas permanentes e gratuitas, para a comunidade local. Sejam elas: circo, teatro e arte da palavra. Atualmente, são desenvolvidas também as oficinas de cultura digital e identidade cultural.

Além da Escola Piollin que oferece as citadas oficinas para a comunidade, o Piollin abriga também grupos artísticos em sua sede: O Grupo de Teatro Piollin; Cia. de Circo-teatro Lua Crescente; Grupo de Teatro Graxa; Cia. de Circo Alegria; Quadrilha Junina Lajedo Seco e Grupo de Capoeira Palmares.

As ações desenvolvidas pelo Piollin objetivam uma formação integral das crianças, adolescentes e jovens da comunidade do Roger, bairro no qual se situa a ONG. Nesse sentido, busca-se que essa formação integral garanta ao indivíduo o autoconhecimento e um desenvolvimento crítico sociocultural, que propicie que os mesmo sejam sujeitos politicamente e socialmente atuantes. No campo das artes, foco do Piollin, deseja-se que a comunidade seja não apenas receptor do produto cultural, mas se constitua enquanto agentes da produção artística da comunidade.

De acordo com o Projeto Político Pedagógico do Centro Cultural Piollin, pode-se eleger como palavras chaves para a ação pedagógica desempenhada: o coletivo, protagonismo, diferença e o diálogo. Destacamos o protagonismo, compreendido como a possibilidade do sujeito se constituir e (re)conhecer no outro a possibilidade de uma construção criativa, tendo consciência das suas escolhas e do seu papel nas organizações coletivas, visando a participação e a contribuição.

A ação pedagógica da escola Piollin é dividida a partir de quatro ciclos de formação: ciclo de formação básica (I), com participantes dos sete aos doze anos; ciclo de formação inicial (II), com participante de treze aos dezessete anos; ciclo de oficinas avançadas (III) e ciclo de vivências, que compreende jovens dos quinze aos vinte e um anos[1]. Ao todo, o Piollin oferece cerca de 80 vagas, destinando 60 vagas a comunidade do Roger, e as demais vagas à grande João Pessoa. Cada ciclo é formado

por um coletivo de 20 educandos, idade, maturação e afinidade com as atividades propostas.

O ciclo I – Formação Básica, objetiva despertar o auto-conhecimento, a interação com o grupo e o protagonismo. As metas para os educandos desse ciclo é despertar os conhecimentos de mundo e a atuação no grupo, disciplinar para o convívio no coletivo e, acima de tudo, sonhar. São oferecidas ao ciclo I as oficinas de circo, arte da palavra e artes plásticas.

O ciclo II – Formação Inicial, é dividido em dois módulos de um semestre cada, sendo o primeiro voltado para a apresentação do universo artístico nos seguimentos do circo e/ou teatro. O segundo consiste na montagem de espetáculos/experimentos praticando o estudo realizado no módulo anterior. As oficinas oferecidas para esse ciclo são: Circo, Teatro, Cultura Digital e Identidade Cultural.

No ciclo III Oficinas avançadas, são aprofundadas as relações, pessoal e interpessoal, como também o estudo e o domínio das técnicas de circo e teatro. As atividades buscam como meta mobilizar e formar os educandos. As oficinas oferecidas à este ciclo são as mesmas do ciclo anterior: Circo, Teatro, Cultura Digital e Identidade Cultural.

O ciclo IV Grupos de Vivência constitui o último ciclo que concretiza o fechamento da proposta de formar artistas ativos, críticos e protagonistas. Trata-se de um espaço onde há uma autogestão e um processo de transição e fechamento de uma etapa e o começo de outra etapa na vida social.

2. A Arte da Palavra “África”

A oficina de “Arte da Palavra”, dentro da qual foi desenvolvido o projeto *África na gente*, é voltada para o público infantil (Ciclo I – Formação Básica). A proposta busca integrar a literatura infantil com as linguagens visuais, as artes cênicas e, sobretudo, as experiências dos próprios educandos. Desse modo, o processo de leitura e produção textual reflete o universo e a realidade dos educandos, como percurso essencial para iniciação à literatura.

A cada mês, a oficina de Arte da Palavra elege um tema para que seja o foco das atividades realizadas durante um mês. Esse tema é escolhido a partir de diversas questões, entre elas: interesse dos educandos, proximidade com a realidade vivenciada por eles, conteúdo com materiais (sobretudo, livros infantis) acessíveis, questões subjetivas, relacionadas a datas comemorativas ou ao calendário do Centro Cultural Piollin, etc.

No mês de agosto, a temática escolhida como fio condutor das atividades foi a cultura africana e afro-brasileira, e questões que estão compreendidas por essas demandas. Essa proposta tornou-se o projeto do mês, intitulado *África na gente*.

Esse trabalho tem como objetivo relatar as experiências obtidas no projeto “África na Gente”, durante o mês de agosto, durante a oficina de Arte da Palavra, realizada no Centro Cultural Piollin.

Com esse projeto, tivemos como principal objetivo apresentar diversas formas da cultura africana, e sua influência no Brasil; discutir [pre]conceitos apresentados na nossa sociedade sobre a cultura africana e, por fim, pensar sobre a afirmação da identidade afro-brasileira dos educandos, e suas repercussões no bairro do Roger.

O primeiro passo foi pesquisar e conhecer a Lei 11645/08, que institui a obrigatoriedade de ensino de literatura e cultura africana e indígena. Arelado a esse momento, também foi essencial ter um conhecimento teórico sobre literatura e cultura africana, e como trabalhar com ela. Para isso, utilizamos textos sobre a teoria pós-colonial, e leituras de *Superando o racismo na escola* (2005), *Raça, Conceito e padrão* (1990) e *Consciência negra no Brasil: os principais livros* (2002).

Ainda no processo de pesquisa, houve a necessidade de fazer um levantamento das obras de literatura infantil que estivessem relacionadas a essa temática presentes na biblioteca do Centro Cultural Piollin. Felizmente, a quantidade de obras é relativamente extensa, e na grande maioria, a linguagem e o conteúdo também estão adequados ao público-alvo. Estão entre esses livros, podemos destacar: *Euzébia Zanza*, de Camilla Fillinger (2006), *Vida que Voa*, de Lena Martins (2011), *Quibungo*, Maria Clara Cavalcanti (2011), *A Princesa e a Ervilha*, de Raquel Isadora (2010), *Outros contos africanos para crianças brasileiras*, de Rogério Andrade Barbosa (2008), *O colecionador de pedras*, Prisca Agustoni (2007), *Um menino chamado negrinho*, de Helenice Ferreira (2011), *Os sete novelos*, de Angela Shelf Medearis (2005), *O menino*

no beco da pipa, de Ninfa Parreiras (2009) e *Tranças de Bintou*, que tem como autora Sylviane A. Diouf (2004).

O primeiro encontro tinha como intenção conhecer as representações que as crianças têm da cultura negra e do continente africano. Para tanto, fez-se necessária uma atividade de relaxamento, para que se sentissem mais a vontade no momento de apresentar essas questões. No relaxamento, eles foram guiados para se imaginarem voando do ponto mais oriental das Américas e chegando ao imenso continente africano, às praias quentes de Guiné-Bissau, conhecendo as diversas cores, e conversando com pessoas que também falam a língua portuguesa.

Essa experiência nos rendeu um pequeno debate, pois muitos tiveram dificuldade em associar a África a um continente (muitos pensavam que era um país), e que as pessoas utilizavam roupas coloridas, pois muitos ligavam a África apenas aquela imagem de seca e pobreza, enquanto outros pensavam que era um espaço habitado praticamente só por animais selvagens – e, por isso, não teria sentido que em alguns países em que as pessoas também falassem português.

Para que pudessem construir um conhecimento mais amplo dessa temática, dedicamos um período para que pudessem investigar, nos computadores do Piollin, que fazem parte da estação digital, se esses estereótipos apresentados condiziam com toda a realidade ou não. Primeiro, a pesquisa foi feita de modo livre em um banco de dados digital, apenas com a palavra-chave “África”. Alguns chegaram a dizer que haviam confirmado suas impressões, e por isso partimos para a segunda parte da atividade: conhecer o portal “a cor da cultura¹”, que apresenta livros animados, imagens sobre cultura religiões afro, de modo instigante e compreensível. A partir desse momento os educandos se mostraram mais curiosos para desvendar essa cultura tão ampla e diversa.

Após a apresentação e discussão da temática, os livros infantis foram apresentados e incorporados de múltiplos modos durante as atividades, construindo um conhecimento cada vez mais diversificado em relação a esse continente tão esquecido e, ao mesmo tempo, inferiorizado pela cultura midiática. Três dessas experiências literárias merecem uma atenção mais detalhada, e por isso serão ressaltadas abaixo.

Na atividade realizada com o livro *A princesa e a ervilha*, a turma foi dividida em dois grupos, e cada um recebia uma versão dessa história – sendo uma delas o conto de

¹ Disponível em: < <http://www.acordacultura.org.br/>>.

fadas clássico Hans Christian Andersen (com todos os personagens brancos), e a outra é uma versão adaptada sob o ponto de vista africano, apresentando, inclusive, dialetos de alguns países de cultura africana. Uma das recomendações era guardar segredo do livro recebido para o outro grupo. Após a leitura, os dois grupos se encontraram em círculos e cada grupo começou a responder as seguintes perguntas: *Onde passa essa história? Quem são os personagens? Como é esse príncipe? Qual o enredo do seu conto?* Após perceberem que as últimas perguntas estavam com as respostas em comum, os grupos puderam trocar os livros, e perceber semelhanças e diferenças em cada versão e, conseqüentemente, em cada cultura.

O livro *os sete novelas* utiliza os princípios que regem a tradição do feriado Kwanzaa, comemorado por Afrodescendentes americanos, para tecer um delicado conto sobre cooperação, criatividade, fé, unidade, entre outros valores essenciais para qualquer tipo de relação e comunidade. Após uma leitura atenta, foi proposta uma atividade de reflexão textual, em que era preciso refletir sobre questões internas da obra, e também sobre a relação entre os princípios, a comunidade do Roger e a vida de cada um. Ainda durante a leitura, alguns comentários como “na minha casa, meu pai também não aceitaria isso!” e nas respostas das atividades, como “eu ajudo minha família, meu colegas, ajudo a minha mãe a arrumar a casa”, deixaram clara a relação de identificação com a obra apresentada.

A leitura de *Quibungo* foi uma das que mais despertou o interesse das crianças. Este livro é narrado em forma de parlenda, e apresenta um personagem originário dos povos do Congo, mas que faz parte do folclore de diversos países africanos, e também em alguns estados com maior influência afro-brasileira. Durante a leitura do livro, todos cantavam e dançavam o mote da parlenda, seguindo um ritmo africano. A proposta da aula foi a de escrever coletivamente uma nova narrativa, em que o personagem Quibungo estivesse no Brasil. A associação com o nosso folclore e nossos personagens ficou registrada nessa experiência.

Algumas atividades de leitura e, sobretudo, contação de histórias, utilizaram livros não encontrados na biblioteca, como a leitura de *O gato e o escuro*, do moçambicano Mia Couto, e *Menina bonita do laço de fita*, de Ana Maria Machado, em que pudemos tecer reflexões mais filosóficas no que cerne à representação da cor negra na sociedade ocidental.

Apesar do ensino de literatura ser o foco da oficina, o trabalho com outras artes foi fundamental para uma apropriação da temática, como a construção do mural “Mama África”, com recortes e desenhos de palavras e imagens que remetessem ao que foi estudado; uma aula para conhecer as raízes do coco-de-roda, e a forma de dançar a umbigada, além de conhecer cocos de Chico César, um cantor paraibano afro-brasileiro. E, por fim, o cinema também esteve presente nas aulas com o filme “Kiriku e a feiticeira”, que permitiu a percepção mais concreta das lendas e mitologias de povos africanos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto *África na gente* aproximou os educandos de uma cultura que estava, ao mesmo tempo, geograficamente próxima, mas culturalmente distante deles, de modo que ficou perceptível, ao final do mês, que o projeto pôde contribuir para estabelecer valores estéticos e éticos às crianças, desenvolvendo a sensibilidade para diversidade étnica, e afirmação da africanidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUSTONI, Prisca. **O Colecionador de Pedras**. Ilustrações de André Neves. 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

AZEVÊDO, Eliane. **Raça, Conceito e padrão**. São Paulo: Ática, 1990.

BARBOSA, Rogério Andrade. **Outros Contos Africanos para Crianças Brasileiras**. Ilustrações de Maurício Veneza. 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 2008.

CAVALCANTI, Maria Clara. **Quibungo**. Ilustrações de Allan Rabelo. Rio de Janeiro: Escrita Fina, 2011.

COUTO, Mia. **O Gato e o Escuro**. Ilustrações de Marilda Castanha. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2008.

CUTI; FERNANDES, Maria das Dores (org.). **Consciência negra no Brasil: os principais livros**. Belo Horizonte: Mazza edições, 2002.

DIOUF, Sylviane A. **As tranças de Bintou**. Ilustrações de Shane w. Evans. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

FERREIRA, Helenice de Souza. **Um menino chamado Negrinho**. Ilustrações de Luís Silva. Rio de Janeiro: Escrita Fina, 2011.

FILINGER, Camila. **Euzébia Zanza**. Ilustrações de Suppa. São Paulo: Girafinha, 2006.

MACHADO, Ana Maria. **Menina bonita do laço de fita**. Ilustrações de Claudius. São Paulo: Ática, 2006.

MACHADO, Ana Maria. **Texturas: sobre leituras e escritos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

MARTINS, Lena. **Vida que voa**. Ilustrações de Carolina Figueiredo, Lena Martins e Luciana Grether. Rio de Janeiro: Escrita Fina, 2011.

MEDEARIS, Angela Shelf. **Os Sete Novelos – um conto de Kwanzaa**. Ilustrações de Daniel Minter. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

MUNANGA, Kabengele (org.). **Superando o racismo na escola**. 2º ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

PARREIRAS, Ninfa. **O menino do beco da pipa**. Ilustrações de Andrea Ebert. São Paulo: Larousse do Brasil, 2009.

RACHEL, Isadora. **A Princesa e a ervilha**. São Paulo: Farol Literário, 2010.